

Encontrar-se no lugar do sinthoma

Silvia Salman

Tomo emprestado como título uma expressão de Éric Laurent sobre o sinthoma, que ele utilizou para se referir ao momento final da experiência analítica. Comentando o testemunho de Leonardo Gorostiza, o ir mais além da desmesura ou da incompatibilidade entre a verdade e o real, disse: "é a partir disto que se pode dizer sobre quem passou por esta experiência, que ele se encontra no lugar do sinthoma"¹.

Eu me interessei pela expressão "encontra-se no lugar", que não é da ordem do "ter" um sinthoma, nem tampouco do "ser" um sinthoma, mas "estar no lugar". Então, o sinthoma é um lugar? E qual seria esse lugar no qual o sinthoma encontraria sua sede? Penso que podemos tomar a questão do lugar de diferentes perspectivas. O sinthoma pode ser equivalente ao lugar da marca, ao lugar da letra, ao lugar a que se volta, ao lugar do quarto ou mesmo ao lugar do gozo. Neste momento me interessa abordá-lo a partir do problema maior que Lacan nos coloca, mas que é também o nosso maior problema na vida: o lugar do "não há relação sexual", já que há toda uma ordem que funciona nesse lugar em que haveria essa relação².

O irremediável

O "não há relação sexual" é a fórmula lógica através da qual Lacan pôde escrever a ausência de relação entre os sexos. Esta escritura inscreve, certamente, uma fatalidade a respeito das relações sexuais. Por isso, serão necessários diferentes meios, pontes e construções³

possíveis que possam responder ao fato de que não há relação sexual. Entre aqueles que poderão suprir essa ausência irremediável, o sintoma será o que, para Lacan, terá a potência ordenadora não apenas de uma vida, mas também da experiência analítica mesma.

Na experiência do Passe, o passante poderá testemunhar como supriu essa ausência que o determinou. Ele falará aos passadores de seus embrolhos no amor, do peso de sua fantasia, do sofrimento de seus sintomas, e também, o quanto considera que tenha levado sua experiência de análise até o final, se espera que possa falar sobre como se desenrolou disso e sobre como pôde franquear esse impasse. Por isso, o "não há relação sexual" se encontra no horizonte do final de análise e faz parte do encontro do qual o passante quer testemunhar. De como pôde captá-lo em sua experiência e de como pôde, se foi possível, nomeá-lo.

Quero então retomar a última parte da minha análise para seguir as pistas de como fui cavando esse vazio do "não há relação sexual" em meu caso, e da escritura que nesse vazio resultou na saída e no trabalho que continuo como AE.

Para isso, vou começar retomando uma interpretação que preparou o terreno para iniciar o final do percurso analítico. Não voltarei a questões que já trabalhei em outros testemunhos, apenas direi que uma vez produzido o esclarecimento da gramática pulsional, e com ele o porquê da repetição, a comoção libidinal não se fez esperar. Então surgiu a pergunta sobre a saída, pergunta que dirigi ao analista e que ele não duvidou em responder pontuando esse momento da análise do seguinte modo: "Esclarecimento absoluto da fantasia, disponibilidade da libido, gosto pelo trabalho e saída do impasse sexual. Que mais?".

Quatro pontuações que destacavam diferentes aspectos da análise realizada até aquele momento. O 1º se referia ao deciframento das cadeias de gozo-sentido presas à fantasia,

o que permitiu obter um saber sobre as mesmas. O 2º apontava a perturbação da defesa que desarticulou o circuito pulsional e abriu caminho às vicissitudes da libido. Em outro testemunho me referi à série: fixação-perturbação-disponibilidade e vicissitudes relativas à contingência. O 3º começava a esclarecer o desejo do analista que começava a emergir desde seus fundamentos neuróticos. Por último, a referência ao impasse sexual, que nesse momento não pude compreender. Efetivamente, o sexual sempre convoca o sentido e ali me encontrava me perguntando a que se referia o analista com tal observação que, assim, permaneceu enigmática quase até o final.

Mas, além dessas pontuações, quero destacar o "que mais?" que acrescentou um efeito suplementar à interpretação. O "que mais" em seu modo de interrogação abriu um tempo analítico que poderia qualificar duplamente: por um lado, um tempo de desinvestimento, ao qual me referi em outros testemunhos especialmente pela via dos sonhos. Mas também, e é o que me interessa destacar no trabalho de hoje para abordar algo dos usos do *sinthoma*, um tempo de investimento que colocou em evidência um gozo que não desmente as marcas da não relação sexual, um gozo que já não se esforça para remediar o irremediável, e que, em meu caso, se escreveu por "vias mais corporais"⁴ com o significante "encarnada".

Emendar o real

Em *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Lacan nos diz que a análise "é a resposta a um enigma, e uma resposta, convém inclusive dizê-lo a partir desse exemplo (a raposa enterrando sua avó sob um arbusto), completamente besta. É justamente por isso que é preciso conservar a corda. Quero dizer que corremos o risco de tratamudear, se não soubermos onde a corda termina, ou seja, no nó da não-relação

sexual"⁵. E se referindo às operações analíticas, destaca a sutura e a emenda para mostrar como se enodam e se desenodam os três registros. A sutura entre o imaginário e o simbólico, para obter um sentido ou um gozo-sentido, o do saber inconsciente. E a operação de emenda entre simbólico e real que Lacan formula dizendo que "ensinamos o analisante a emendar, a fazer emenda entre seu *sinthoma* e o real parasita do gozo"⁶. Com esta emenda, que ele define como a operação propriamente lacaniana, destaca uma operação que permite tornar possível o gozo - que podemos entender como o gozo opaco do sintoma - e fazê-lo de algum modo vivível, ou seja, satisfação.

Quando o sintoma se libera da significação fantasmática esmagadora do Outro, aquilo de que ele se libera é justamente o sentido e o *pathos* que esse sentido sempre implica. Mas não se libera do gozo, o que não impede que este varie sua intensidade. Por isso, Jacques-Alain Miller pôde dizer em *Sutilezas analíticas*⁷ que o sujeito se libera do cárcere da fantasia, mas permanece enquadrado na prisão de seu gozo.

Portanto, depois da interpretação que acabo de retomar, a das quatro pontuações, uma nova interpretação desencadeou e acompanhou esse tempo que houve entre a desarticulação da fantasia e o consentimento ao gozo que restou dessa operação. "Você ainda não encontrou o significante desanimado".

Por que penso que esta interpretação operou uma emenda entre o *sinthoma* e o real? Penso que ela tocou o real no meu caso de tal modo que no final se produziu um duplo consentimento no que diz respeito ao real. Por um lado um consentimento ao real como impossível: o encontro que sobreveio ao final "o significante está desanimado!" desenha o impossível da relação de um significante com o significado, de um homem com uma mulher. Por outro lado, um consentimento ao real como contingente: o encontro do

significante "encarnada" destaca o encontro contingente com uma letra produzida pelo inconsciente, que pôde nomear o gozo que resta.

Portanto, duas modalidades lógicas do real: o real como impossível onde se desenha o furo, o vazio que assinala a inexistência e que podemos escrever $S(\bar{A})$. E o real como contingente, de onde advém um significante novo que nomeia o gozo que restou, esse que é impossível de negativizar e que, em seu uso, coloca em ato um funcionamento novo ao qual podemos chamar *sinthoma*. Foi deste modo que a operação analítica permitiu emendar o *sinthoma* com o real.

O que não muda

Então, o que se transforma e o que permanece sem modificação na experiência de uma análise levada até o final? Em princípio, podemos dizer que se espera que o regime de gozo se transforme, ou seja, que se possa passar da insatisfação, do padecimento à satisfação.

Queixo-me reiteradamente de que minha casa é a sede das reuniões familiares: dia da mãe, do pai, aniversários, anos novos, etc. Interrogada por um gozo secreto que me levava a oferecer a casa, me encontro dizendo: "Adoro receber...", frase que recebeu o corte da interpretação justamente no ponto em que o inconsciente poderia formular essa satisfação ignorada. Mais adiante, cheguei também a formular "adoro que me agarrem", dando lugar à construção na análise de uma nova versão do agarrar, agora desprendida do padecimento. Produzia-se assim uma retificação no nível do gozo ou, como ensina Lacan no *Seminário 11*, uma retificação pulsional⁸.

Eis aqui o que muda e que, se não pudéssemos demonstrá-lo, nenhum de nós teríamos sido nomeados AE. No meu caso, o "sentir-me agarrada pelo olhar do Outro"

demonstrou ser um "fazer-se agarrar" que, ao libertar-se do sentido fantasmático, desembocou em um "agarrar e deixar-se agarrar", nova versão do "fazer-se agarrar" que agora contém uma satisfação que no antigo regime não era sentida como tal. "Encarnada" nomeia essa modalidade do gozo. "Ânimo", que trabalhei no último congresso da AMP em relação ao desejo do analista, também o nomeia. Nomes e usos diferentes de um mesmo funcionamento.

E o que não muda? A pulsão, que nos dizeres de Freud é um "estímulo indomável sempre para frente"⁹ em busca da satisfação. A pulsão, essa força constante, necessita do *sinthoma* para se expressar e por isso o torna necessário, necessário para que a pulsão faça seu trajeto. Mas, à diferença da fantasia, ela já não necessita passar pelo objeto para obter sua satisfação, isso é o que a análise pôde impedir, a qual atinge também o Outro fazendo-o inexistir. Atravessar o véu da fantasia tem sua importância já que dá lugar à pulsão¹⁰. À pergunta que se fazia Lacan no *Seminário 11* "Como, um sujeito que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão?"¹¹, podemos responder: ele a vive *sinthomaticamente*. Ou seja, já não se trata de uma relação fantasmática com o gozo, mas a partir daí se traça uma nova trajetória de gozo. E deste modo, penso que a pulsão organiza *sinthomaticamente* a vida do sujeito.

Um *sinthoma* no feminino

Retomarei um comentário de Éric Laurent sobre o testemunho que apresentei nas Jornadas da EOL, em 2010. Ele se referia ao que havia de erotômano em minha apresentação do amor, não no sentido da clínica psiquiátrica, tal como a elaborou Clérembault com a certeza de ser amada, mas no sentido da clínica psicanalítica e do uso que Lacan lhe deu. Para isso, retomo sua pergunta: "um final de análise muda a versão de amor de um sujeito?"

Dois sonhos dos últimos tempos de análise ilustram esta perspectiva e sugerem um novo enodamento entre o amor e a pulsão: "Viajo em um ônibus com meu pai, eu adolescente e ele jovem, começa a me explicar... sobre a sexualidade, mas eu já havia tido um encontro sexual com um homem, e penso: 'o fracasso do pai'".

Outro sonho: "Em uma discussão na Escola tomo a palavra para falar de 'uma nova articulação entre o amor e a pulsão'. Uma colega AE me dá a palavra dizendo que era eu quem podia dizer algo sobre isso".

Agora posso dizer algo da saída do impasse sexual e que ambos os sonhos interpretaram. Que o pai fracassa em sua tentativa de nomear a relação sexual. Que a satisfação que se obtém já não se encontra dentro do regime edípico, porque ela não se concentra no objeto da fantasia. Que tudo isso implica um novo enodamento do amor e da pulsão, que permite franquear os limites do pai que até ali condicionavam a repetição.

Se abordarmos o amor em sua faceta de pulsão, o ser amado se revela em seu valor de fazer-se amar¹², o que sublinha a posição ativa que o sustenta. Pois bem, a forma erotomaniaca do amor, tal como Lacan formulou, se emparelha com o *blablá* do discurso amoroso. Então, fazer-se amar é fundamentalmente fazer-se falar. Um fazer-se falar que permite manter um gozo silencioso, ou também um gozo do silêncio que denota esse ponto no qual todas as palavras desfalecem. Um modo de fazer existir uma ausência e um gozo correlativo a ela, que Lacan denomina no *Seminário 19* "gozausência"¹³ e ao qual, naquele testemunho comentado por É. Laurent, me referi com as palavras do poeta "gosto quando calas porque estás como ausente...". Aludindo a um certo modo de me ausentar com o parceiro.

Que uso pode fazer o *sinthoma* desta sutil erotomania que a análise pôde esculpir? Se o *sinthoma* é o que vem a se escrever no lugar da relação sexual impossível de ser

escrita, o que se ama no fundo em alguém é seu *sinthoma*, ou seja, os signos que este envia e que refletem a maneira como cada um trata a ausência da relação sexual. Por isso, alguns nos parecem simpáticos e outros nos podem parecer muito antipáticos. Mas, para além das sensibilidades, esta doutrina do amor implica que o sujeito possa perceber nos diferentes parceiros o tipo de saber que nele responde ao não há e o *sinthoma* que elaborou devido a isto¹⁴.

Uma interpretação tocou esta forma erotômana do amor: "não se deve perder o encanto". Ela possibilitou me dar conta do que era preciso desprender-se em relação ao fantasmático (o sintoma fugidio sustentado na fantasia: fazer-me agarrar para escapar), mas também, do que convinha preservar em relação ao uso possível do *sinthomático* e que Éric Laurent interpretou naquele comentário como uma sutil erotomania.

Sem dúvida se trata de uma sutileza analítica, mas também de uma sutileza do feminino.

Tradução: Angélica Cantarella Tironi

¹ LAURENT, E. (2010). "Los nombres del *sinthome*". In: *Opacidad del síntoma, ficciones del fantasma*. Buenos Aires: Colección Orientación Lacaniana, p. 30.

² LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 208.

³ Idem. (2009[1971]). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 156.

⁴ MILLER, J.-A. (2011[2009]). *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, p. 277.

⁵ LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o *sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 70.

⁶ Idem. *Ibid*, p. 71.

⁷ MILLER, J.-A. (2011[2009]). *Op. cit.*

⁸ LACAN, J. (1998[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 158.

⁹ FREUD, S. (1984[1920]). "Más allá del principio del placer". In: *Sigmund Freud, Obras completas*, vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu, p.46

¹⁰ MILLER, J.-A. (2005[1997]). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, p. 461.

¹¹ LACAN, J. (1998[1964]). *Op. cit.*, p. 258.

-
- ¹² MILLER, J.-A. (2005[1997]). Op. cit., p. 410.
¹³ LACAN, J. (2012[1971-1972]). Op. cit., p. 118.
¹⁴ MILLER, J.-A. (2005[1997]). Op. cit., p. 295.